

RESPOSTA A DEIRDRE BROWER LATZ E RUBEN FERNANDEZ

Gabriel Benjiman, Região da África

Deirdre Brower Latz e Rubén Fernández levantam muitas questões cruciais que são compartilhadas em comum à medida que cada um deles trata do assunto. Não querendo ignorar o fato de que o escritor de cada artigo representa contextos e paisagens sócio religiosas imensamente diferentes, será o objetivo desta resposta identificar pontos comuns positivos em legendas que eu acho úteis para conversações. Deirdre Brower Latz (2018, p.1) pergunta: “*Em quê podemos concordar no que diz respeito a seguir fielmente? O que significa ouvir o chamado ‘tomar a cruz e seguir’?*”

1. Contendendo por uma visão renovada da cruz

Rubén Fernández e Deirdre Latz defendem uma visão renovada da cruz. A cruz significa coisas diferentes para diferentes pessoas. Para alguns, é simplesmente um ornamento, uma expressão desprovida de qualquer significado espiritual. Para outros, é um mandato para oprimir em nome de Deus. Para outros ainda, é esperança. “... *a cruz, então, e o que isso significa, não é tão simples quanto parece.*” (Deirdre Latz, 2018, p.2)

No mínimo, as contenções repousam em uma propriedade corporativa e pessoal da cruz. No outro extremo do espectro, o chamado é para uma identidade transformadora da vida extraída da cruz. Tomar a cruz propõe uma permanência de postura. Fernández apresenta isso como resgatar o chamado de Jesus: “O chamado de Jesus é um apelo a um compromisso com ele para a vida e que inclui todos os aspectos da vida do indivíduo ... um chamado à conversão. É bom resgatar a seriedade do chamado de Jesus nestes tempos ...”

(2018, p.10). Fernández pergunta novamente: “Quantas vezes nós ensinamos às pessoas como seria tomar a cruz hoje” (p.15).

Deirdre Latz enfatiza que quanto maior a obediência em seguir, mais verdadeira é a inculcação da fé cruciforme sobre a identidade dos discípulos. O significado da cruz não é, de modo algum, uma consequência leve para um seguidor de Cristo. O ponto mais profundo da disputa é que deve haver temas significativos que sejam fundamentais e vitais para a nossa identidade pessoal e corporativa como seguidores de Cristo no mundo. E ainda deve haver uma compreensão clara do que significa “tomar a cruz e seguir” Cristo nas gerações e nas nações em que nos é dada a nossa existência.

2. Constituídos pela cultura e contexto?

Aqui é onde a conversa se intensifica. Contexto e cultura tendem a catapultar a conversa em direções úteis. Latz (2018) apresenta a simples afirmação sobre as convicções daqueles que violam e oprimem os outros com a sincera intenção de serem fiéis à cruz. Reflexão sobre essa restrição para sermos sinceros e honestos discípulos de Jesus, levam-me a centrar meus pensamentos em torno do continente africano. Além da intensa opressão árabe e do mercado oportunista de escravos na África, o mundo cristão e ocidental se aproximou da África desde os primeiros tempos com igual vigor e violência. Colonialismo! Fernández (2018), que faz referência à colonização das Américas, sugere que os colonizadores vieram sob o pretexto de cristianizar o continente e seus habitantes. Não foi diferente para a África - como testemunhado na citação de abertura de Fernández pelo arcebispo Bispo Tutu.

As questões surgem centradas nas convicções e fidelidade à missão de Cristo de regimes opressivos na África. Estavam esses cristãos convencidos de que a opressão e a violência eram formas de expressar fidelidade a Cristo? Um exemplo disto é o regime sul-africano, Verwoerdian e sua fera de precisão, o Apartheid. Estavam os cristãos nesse

movimento sob a convicção de que suas ações (apesar de violarem os habitantes indígenas "nativos") eram uma exibição fiel do tomar sua cruz? Era isso o que significava para os fiéis discípulos de Cristo Anglo-Boer na África do Sul estarem no campo de batalha "negando-se"? Esse cristianismo influenciou uma cultura do nacionalismo africâner ou era uma cultura do nacionalismo levando em conta sua hermenêutica de discipulado? Existe a possibilidade de uma represália do nacionalismo negro na África do Sul e será justificado em todo o seu trabalho pelo impacto exógeno do retrato anglo-boer misturado do que significava ser fiel como um seguidor de Cristo? (Graybill, 1990). Que parte do contexto e da cultura forçaram esses discípulos sul-africanos a ser assim? É a cultura e o contexto que determinam a hermenêutica que dá origem à catequese que confirma que esses discípulos são fiéis? Quanto disso foi apoiado pela Igreja em geral? Como podemos evitar os perigos de tais influências na forma como somos cruciformados?

3. Corajosamente contra culturais

Reflexões sobre a ideia de que a igreja continua a ser a voz na comunidade, às vezes uma voz dos sem voz, é um papel profético unificando aqueles que procuram ser mais fiéis no serem Cristo aos feridos e machucados. A África continua a ser um excelente exemplo das maneiras como a Igreja pode ser e as maneiras que não devemos ser. Novamente, usando o apartheid como exemplo, alguns consideraram que escolher permanecer em silêncio contra as atrocidades era uma maneira de ser "mais fiel" à sua missão atual da Igreja. Não querendo perturbar o status nacional ou eclesial. Por outro lado, alguns procuraram ser mais fiéis à imagem do Cristo que derrubador de mesas e fazedor de chicote. Esta tensão de ser fiel à missão da Igreja versus fidelidade à missão de Cristo, apresenta um desafio à compreensão do que significa "negar a si mesmo" e "tomar a cruz". Não é verdade que buscar ser mais fiel aos caminhos de um "Cristo de medidas drásticas" é a melhor garantia de ganhar uma cruz?

Ao fazer exatamente isso - derrubar mesas, Jesus ganhou para si mesmo uma cruz. Manter um status quo não nos garante uma cruz. Não é verdade, então, que alguém a quem é negada uma cruz não pode realmente ser identificado como sendo “mais fiel”? Fernández (2018, p.16) observa: “Minha observação na Mesoamérica é que a liderança da igreja evangélica em termos gerais é do tipo conformista. O que fazemos bem é preservar o status quo. Não desenvolvemos um verdadeiro discipulado no caminho da cruz. Não realizamos uma verdadeira liderança transformacional, como a de Jesus; Nós apenas colocamos bandagens nas feridas (e não é que isso está errado, mas é o suficiente?)”.

Implícita nos escritos de Latz e Fernández estão as tensões entre a *Igreja como agente moralizante* (usada para moldar a **crença** para garantir um **comportamento** cúmplice desejado ao **tornar-se** pela aparência ‘mais fiel a Cristo’ e, ao fazê-lo, **pertencer-se** um ao outro em cultura e prática comuns) e a *Igreja como uma agência do poder divino*, controlada pelo amor, desafiando o status quo, causando aqueles que são motivados pelo amor ao povo de Deus junto com o eu-Deus. (O amor aqui é um elemento de controle no poder e não um substituto do poder). (Maginizer, 2007).

Fernández (2018) defende um discipulado mais custoso que molde a vida de um seguidor de Cristo. Um chamado ao discipulado em que “os pregadores devem oferecer salvação” com mais requisitos (p.10). Enquanto isso está sendo preparado para um seguir corajoso, é preciso ter cautela. A Igreja como um todo, especialmente as de um viés de santidade, deve ter cuidado para não falar como se houvesse mais para a salvação do que a obra de Jesus. Isso pode ser interpretado como um Jesus mais algo que é necessário para a vida como um “seguidor mais fiel de Cristo”. Jesus + regulamentos denominacionais = salvação. OU, Jesus + a catequese e confirmação = salvação. Esta é uma implicação perigosa.

4. Chamados para sermos a Igreja

As implicações da contenção pela identidade coletiva e singular de um discípulo “mais fiel”, a coragem de ser contra cultural ou ser restringida pela cultura acabarão por moldar a igreja que tomamos por empréstimo do povo de amanhã. A igreja não pertence à geração que atualmente vive na sua sombra e aproveita seu fruto. A Igreja sempre pertence ao futuro e sua voz profética parece mais aceitável em retrospectiva. Na África, a Igreja perde as vozes proféticas individuais em pessoas como Steven Bantu Biko e Robert Sobukwe, quando a prioridade é servir um Cristo de nossas mentes no aqui e agora em vez de abraçar um Cristo que se assemelha a uma imagem mais bíblica e escatológica. Há uma tendência dos Nazarenos na África abraçarem uma *escatologia de relocação* (“Caminhando vou para Canaã”) em oposição a uma *escatologia de restauração* (Deus tornando todas as coisas novas através de Sua Igreja aqui na terra). Talvez, a razão para muitos africanos abraçarem uma escatologia de relocação estivesse firmada na esperança de escaparem à dor e ao sofrimento. Portanto, a ideia de tornar-se mais fiéis discípulos de Jesus pode não aceitar totalmente a ideia da Igreja como ativistas ambientalistas ou ver a responsabilidade do discípulo de Jesus como um guerreiro ecológico. Ser mais fiel à missão do Cristo da Bíblia assegura que a Igreja que vamos passar aos outros esteja na vanguarda e preparada para o objetivo final.

Todo discípulo que deseja negar-se e tomar a cruz busca não só deixar uma marca individualista. Deve também ser uma identidade coletiva e unificada. Rubén Fernández (2018, p.14) defende isto quando afirma: “Os jovens estão à espera de uma igreja militante, dissidente e reativa. Estamos perdendo as novas gerações que rejeitam uma igreja interessada em manter as coisas como estão ... Em vez disso, devemos nos perguntar, como podemos ajudar os jovens a ver suas carreiras como meios para transformar a sociedade?”

O caminho para alcançar este modo de sermos mais fiéis como discípulos de Cristo é rejeitar uma abordagem de tamanho único. Temos de permitir que o visual corporativo dos

discípulos se adapte ao seu contexto sem perdermos nossa coesão. Um exemplo disto terá que ser a ausência de conversa sobre adoração corporativa. Os estilos litúrgicos diferem muito. Como africanos, a dança e uma profunda expectativa de transcender a adoração através de uma oração extemporânea não é incomum. Isso pode não ser necessariamente o caso de outros que leem suas orações corporativas. Nossa identidade como um todo global e corporativo deve continuar a existir como uma unidade de ofertas únicas de voz e solução para problemas contextuais. Deirdre Latz (2018, p.10) diz: “Este tipo de discipulado corporativo provavelmente não deve parecer o mesmo em todos os lugares”.

5. Alguns Pensamentos Finais

Como libertar nosso povo dos grilhões da hipocrisia e autocontradições em sua luta por se tornarem discípulos mais fiéis? Durante a era do apartheid, muitos dos Nazarenos Sul africanos etnicamente mais privilegiados se ofenderam era pelo fato de seus irmãos Nazarenos marginalizados sugerirem que ser mais fiel a Jesus implicava levantar-se contra a opressão e a marginalização do povo indígena. Os, então, poucos privilegiados e com vantagens em nossa denominação citavam as Escrituras sobre honrar os governantes e obedecer as leis do país. Agora, sob um novo regime com privilégios equitativos e compartilhados, alguns desses membros anteriormente privilegiados, vão às redes sociais falar mal dos “reis” e “dominadores” do seu país. Há uma crescente tensão e frustração porque o sapato está no outro pé. Como procura alguém ser um discípulo mais fiel de Cristo sem criar futuras oportunidades para autocontradição e hipocrisia? Como abordamos de forma individual e corporativa as questões sociais com um apelo à justiça e à vida santa sem cair na armadilha da percepção de neutralidade? Não seria possível para os seguidores de Cristo ver Deus em Cristo sendo um libertador desafiando os sistemas opressivos e ver Deus

como um Deus de lei e ordem, mantendo os sistemas de governança e seus reinos ao mesmo tempo estando unido em amor e comunhão?

Existe algum espaço para um seguidor fiel de Cristo simplesmente tolerar os outros quando o chamado aos fiéis seguidores é um chamado ao amor autêntico e santo? A resposta pode ser encontrada ao apresentar um estilo de vida de amor como verdadeira liturgia - uma expressão fiel a seguir.

Três Características Básicas

Este estilo de vida de discipulado autêntico precisa endereçar as seguintes características básicas de Jesus nosso Senhor, tanto corporativa quanto individualmente, conforme identificado por São Paulo em Filipenses. Em primeiro lugar, os discípulos que realmente imitam Jesus, possuem um profundo senso de perdão até a morte. Isto não é de forma alguma uma amnésia artificial ou auto induzida. É um reconhecimento por aqueles contra quem se pecou de que ser genuinamente como Cristo é ser um perdoador, mesmo na morte ("... conformando-me a ele na sua morte... Filipenses 3:10)

Em segundo lugar, reconhecer o pecado por visando o arrependimento faz parte do chamado. Também é imperativo encontrar formas de restituição. Aqueles que perderam por causa de Cristo podem considerar isso uma perda, como abraçado por São Paulo em seu texto sobre "tomar conta de Cristo"- Filipenses 3:8-10, ainda assim, seria roubo flagrante tomar terras e propriedades, lares e famílias sem reconhecer a intenção de Deus de restaurar o mesmo àqueles que perderam essas coisas. Ser como Cristo tem de procurar o arrependimento e a restauração por meio da restituição.

Em terceiro lugar, eu reconheço na afirmação de Paulo (3:12) que para tomarmos posse daquilo para o qual nós mesmos temos sido possuídos por Cristo, precisamos buscar Sua justiça. Isto requer uma identidade corporativa comum capaz de ser reconhecida em qualquer contexto. Nós somos um povo buscando a santidade. Mas com quê isto se parece

exatamente quando labutamos sob campos políticos diferentes? Isto não significa que nossa justiça deva ser exemplificada de forma mais alta que nossos direitos? E que nossos direitos realmente precisam ver a restauração de todas as pessoas à imagem singular de Cristo?

Referências

Graybill, L. S. (1991). *Christianity and black resistance to apartheid in south africa: A comparison of albert lutuli, robert sobukwe, steve biko, and desmond tutu (Cristianismo e resistência negra ao apartheid na África do Sul; uma comparação de albert lutuli, robert sobukwe, steve biko, and desmond tutu)* (Order No. 9217315). Available from ProQuest Dissertations & Theses Global. (303949147). Retrieved from <https://trevecca.idm.oclc.org/login?url=https://search-proquest-com.trevecca.idm.oclc.org/docview/303949147?accountid=29083>

Magaziner, D. R. (2007). *From students to prophets: Writing a political faith in south Africa (De alunos a profetas: Escrevendo uma fé política na África do Sul), 1968–1977* (Order No. 3278874). Available from ProQuest Dissertations & Theses Global. (304775974). Retrieved from <https://trevecca.idm.oclc.org/login?url=https://search-proquest-com.trevecca.idm.oclc.org/docview/304775974?accountid=29083>